

O PANORAMA.

N.º 192.)

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

Publicado pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

Introdução.

ASSIM como aquelles bons navegantes portuguezes, no ir-se alongando e crescendo pelas costas de Africa, folgavam de ir deixando seus padrões no remate de cada viagem, com cuja vista se lhes accendessem animos para estenderem mais avante a seguinte derrota, até que fosse Deus servido, em premio de sua constancia e trabalhos, leva-los, como em fim os levou, áquelle grande Oriente, de que tantas riquezas se esperavam, e tantas maiores que todas as esperanças vieram ao reino: assim nós [se pequenas cousas se podem com as grandes comparar] nesta nossa litterata peregrinação para outro Oriente, não de ouro e aljofares senão de luzes, não cobiçosos de vir a grauear daquellas riquezas em que tem jurisdicção a fortuna, que ensoberbecem a poucos, arruinam a muitos, e a final corrompem e empobrecem a todos, mas d'outras menos cobiçadas e mais preciosas, mais seguras, mais duradouras, mais ferteis, mais para todos e para tudo, quaes são o saber e a moral, folgámos tambem de ir assignalando com um marco o termo de cada uma destas nossas successivas e laboriosas expedições de anno, e dahi considerar o espaço andado, para nos exhortarmos a nós mesmos, crear animos e coração, que nisso só consistem as forças com que as mais difficéis cousas se levam a cabo.

Contemplando pois, da porta que se nos abre do novo anno, os quatro que já nos lá ficam andados, não é tanta a nossa modestia que deixemos de aceitar, como bem cabido premio ás nossas diligencias, parte dos louvores e demonstrado apreço com que o Publico nos tem favorecido.

Assentado é, e já tão assentado que vergonhoso seria adduzir argumentos para o comprovar, como do saber principalmente, ou sómente do saber, nascem todas as diversas partes de que se compõe a felicidade dos Estados. A sciencia não só é bem como meio que leva a todos os commodos da vida, submete a natureza, combate e mette debaixo dos pés o infortunio, suavisa os costumes, aperta os laços da sociedade, e até pela philosophia nos conduz á religião; senão tambem, que por si mesma considerada e sem respeito a tão maravilhosos resultados, é um grande e bonissimo bem, porque no seu trato, apenas elle se começa a tornar intimo e familiar, se encontram os mais subidos prazeres, os mais livres, os mais duradouros, os mais baratos e mais innocentes que neste pobre mundo se conhecem. Para a sciencia se trabalha desde o primeiro dia do mundo; para a sciencia se hade trabalhar até ao derradeiro dia delle. Para a sciencia forcejam em honrada porfia todas as nações; e para a sciencia vamos nós tambem, posto que muito aquem de todas ellas, não por mingua de engenhos e vontades, mas porque é essa uma das tristes pensões de um povo pequeno, *sequitur non passibus aquis*. — Ora, deixando as sciencias, com quem aqui e por ora não temos que ver, mas por cujo cramento e prosperidade sinceros votos de alma fazemos a Deus e aos homens que elle poz em caminho de as ajudar, fal-

lemos da que, sendo de todas principio, condicção e sustento, não pede nem talvez acceita o nome de sciencia que bem merece, e esta é a do ler. Assim como as universidades hão de ter em seus pagos por visinha e no primeiro andar toda a instrucção primaria, assim esta deve ter por baixo de si a sciencia, o amor, a paixão, e, se é licito dize-lo, o bemitissimo vicio da leitura. Qualquer naturalista vos dirá como se convertem com os annos, e pela só natureza das cousas, rochas seccas e nuas em torrões ferteis e paraizos: veem primeiro os byssos, rudimentos vegetaes, e invisiveis: seguem-se musguinhos, para cujas raizes basta por prado um atomo de pó: murchos, e desfeitos estes, já nos seus residuos acham outros, menos apoucados, onde tomar pé: accrescentado o despojo com a morte tambem destes, já tem sua vez as gramas: das gramas herdadas aservas; daservas os arbustos; dos arbustos os bosques. As plantas, começando pelas minimas, formaram aquelle solo, que depois produziu todas até as maximas e as sustenta ricamente, e dahi avante não parará nunca o admiravel commercio de mutuos beneficios entre solo e arvores: estas com usura restituem em pó ao pó as pompas que vão despindo; elle lhes dilata e provê cada vez melhor as raizes, e por ahi as refaz cada vez mais copiosas, mais ricas, mais fructíferas e mais cobiçadas. Tal é, trocados os vocabulos, a historia do que vai n'um povo, quando de safaro e baldio se vai progressivamente metamorphoseando em nação sabia, isto é, creadora e cultivavel, que produz muito, e pôde vir a produzir tudo.

Entre nós, posto que por ahi estão suas estacas novas de sciencias, e alguns enxertos de outras em troncos velhos, e isto em clima e céu que para tudo são abençoados, parece-nos que ainda todavia não temos assaz profunda a cama de *humus*, de que tudo isto carece para se aperfeiçoar. Que nos falta logo? — em segundo logar mais instrucção primaria; mas em primeiro logar mais ler. A nascida instrucção primaria já lá tem bons padrinhos entre os legisladores, e não é da nossa jurisdicção. Agora quanto ao ler, é felicissima verdade que nunca em Portugal se leu tanto como em nossos dias: mas é verdade desgraçadissima que nunca tambem por cá se escreveram, se imprimiram e leram tantas cousas sem verdade, sem juizo, sem côr, sem gosto, sem philosophia, sem intengão alguma moral ou litteraria, sem alma e sem consciencia, como agora. Quem olhar para a grande imprensa portugueza pasmará dos milheiros de mãos que a trazem em movimento, e parecer-lhe-ha que o fogo sagrado da instrucção, fogo que, semelhante ao de Vesta, é a alma e a vida dos Estados, está ardendo com a maior vehemencia. Mas quem chega a observar mais de perto chora, se tem portuguez o coração, de ver como á popular avidez de leitura se dão ás braçadas alimentos vão e damnosos! Sim que arde e se conserva o fogo sagrado, mas a maior parte das vestaes que o sustentam merecia enterrada viva por infiel

aos seus votos e ao officio. Não queremos dizer que não haja entre os mil e um jornaes, que todos os dias chovem *super bonos et malos*, alguns muito apreciaveis, e tanto mais apreciaveis quanto mais raros: mas queremos com este brado, pequeno echo do grande clamor que levantam todos os amigos das letras e honra patria, avivar ou ensinar aos escrevedores empreiteiros a alteza e responsabilidade de sua missão; e se isso os não toca, lembrem-se ao menos de seu interesse proprio: o povo lê e quer ler, deve ler e precisa de ler, mas em o povo chegando a conhecer que os que escrevem lhe abusam da boa fé e o enganam; que os que se arvoram em seus mestres nem aprendizes foram ainda, e não passam de charlatães, cujas maiores habilidades consistem em fazer dos mais ricos objectos nada, e do nada dinheiro, passará da extrema confiança á extrema desconfiança, abjurará a letra redonda, e só tarde a necessidade o reconduzirá a ella. Já da imprensa politica se abusou, e decahiu a imprensa politica pelo descredito. Succedeu-lhe a imprensa recreativa e instructiva: se della se continuar a abusar, desacreditar-se-ha e cabirá; e qual será então a imprensa que lhe succeda? Muitas questões graves se envolvem nesta materia, relativas á moral, ás sciencias e ás artes, isto é, a muitos dos principaes ingredientes da felicidade publica: mas, porque não é aqui o seu verdadeiro logar, nem cousas graves se hão de tratar de fugida, deixemo-las para melhor occasião, e tornemos a nós e ao que diziamos.

Já pois o povo, que deve ler, e precisa de ler, lê; e ainda o tedio das muitas e muito más bebidas que á sua sede se lhe hão dado lh'a não amorteceu. Muitas diversas pessoas e causas podem ter para isto concorrido: mas de tal honra, que certamente o é, alguma parte pertence, segundo a voz publica, á Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, e ao seu Panorama. O Panorama, acessivel a todas as fortunas, a todos os entendimentos, accommodado a todos os gostos, a todos os interesses; o Panorama, multiplicado por um numero de exemplares de que não ha memoria na imprensa portugueza, é o conhecido, o bem vindo e o amigo de todas as casas. Bemquisto com os religiosos como com os philosophos, tão familiar com os sabios como dado com os indoutos, tão afinado para os espiritos serios e profundos como para os preguiçosos e leves, noticioso para os que procuram as noticias, discursador para os que excavam na moral, e para os divertidos divertido; obra para todos os partidos, porque não é de nenhum partido; amando nas tres cathogorias de homens, de que a sociedade se compõe, tudo o que nellas ha bom, honesto e proveitoso; nos partidarios do passado a veneração que tributam ao donde provimos, nos partidarios do futuro a generosidade com que se planta para netos e se ama o que ainda não existe, e nos partidarios do presente a actividade que remoga a terra; amando e querendo todas estas diversas cousas, mas tremendo e fugindo da exaggeração e intolerancia de todas ellas: jornal em fim, ou livro, ou livraria, que tudo é, portuguez no contar, no aconselhar, no trabalhar e ajudar, e até, quanto é possivel, no estilo e dizer, o Panorama accendeu e conserva em innumeraveis milhares de pessoas de todas as idades, sexos, jerarchias e profissões o gosto, o costume e a necessidade da leitura. Não ha já aldeia tão apartada em cumme de serra, nem quasi casal tão embrenhado em solidão e tão fóra do trato do mundo, que nas horas ociosas dos seus serões se não recreie com este hospede certo; e o que para os dos palacios e para a maior parte dos moradores das cidades não passa

de meia hora de distração innocente, para os bons provincianos, para esses individuos que vivem como desatados e por fóra dos grandes feixes da sociedade, sempre saudosos do festim do mundo de que lá lhes chegam os echos, para esses o Panorama é a assemblea, o espectáculo, a bibliotheca publica, e a praça do commercio, onde lhes vem ter noticias dos povos mais longinquo, das gentes mais diversas, e até dos seculos mais distantes. Eis-aqui por alto o que o Panorama tem sido, o que o Panorama tem feito, e o que tem aproveitado nos quatro annos da sua duração.

De uma cousa certamente se gloria elle, a qual ninguém lhe negará, e vem a ser que d'esta reversão que o nosso Portugal tão galharda e tão fidalgamente ha começado a fazer para si mesmo; que d'este renascimento de brio patrio, que d'esta justissima ambição, que se propaga, de ser e parecer portuguez em terra de portuguezes, um dos reconhecidos auctores, diligenciadores e influidores tem sido elle. Assim, no exame de consciencia que o Panorama fez para esta sua confissão publica e geral, não encontrou nem venialidade em materia de odios e malquerenças, que são os tres quartos dos modernos escriptos, nem disputas de invejas e vãs soberbas, nem torpezas e corrupção, nem sedição e anarchia, nem impiedade ou fanatismo, nem sequer desbarate de tempo em vaidades pueris e futeis: e pelo contrario acha mil tenções e mil esforços para o bem, muitos dos quaes esforços já produziram, muitos estão prometendo seus fructos, sendo d'estes bens o primeiro e principal, que já fructificou e ainda florece para mais fructificar, o gosto ao ler e o costume de ler, que por esta via se tem admiravelmente propagado.

Mas, que será o Panorama n'este anno que encetamos? Não ha em cousas moraes fiador do futuro como é o passado. O Panorama será o jornal portuguez e popular que tem sido: a benevolencia, que grangeou no seu publico, lhe será estimulo para a merecer cada vez maior. Nem estudos, nem fadigas, nem despezas se pouparão para o conseguir. Os maiores nomes da nossa actual litteratura brilharão entre os dos nossos collaboradores. Excerptos dos nossos melhores classicos, e noticias curiosas e uteis de suas vidas e escriptos continuarão aqui a fomentar o estudo e o amor do antigo: nem é muito que n'isso empreguemos algumas columnas nós outros, quando similhantes jornaes, e de immensa fama, em Inglaterra e Alemanha, se presam de encher assim largas folhas suas. Dos descobrimentos em sciencias, dos inventos em artes, dos aperfeiçoamentos em industria, das novidades notaveis em todo o genero de litteratura, que o anno ha-de trazer, offereceremos quanto ao nosso conhecimento vier, como o julgarmos de prestimo. As gravuras em madeira, industria que nós introduzimos no reino, e dentro em pouco tempo vimos subida a grande ponto, procuraremos anima-la até que vingue a summa perfeição. A linguagem portugueza continuará a ser emprego de nossos constantes desvelos; e quanto seja compativel com a velocidade de escrever, que uma tal obra requer, sahirá sempre limpa e castiga. Finalmente as noções de sciencias naturaes, bem como as das sciencias moraes, continuarão a apparecer disseminadas aqui e alem, para que o vulgo que não frequenta as escolas, possa tomar d'ellas alguma tintura, e já que lhe não é concedido ir-se abastar nos pomares ricos, ao menos saborêe estes fructos soltos, que os seus amigos lhe vão levando pelas portas.

Taes são as nossas tenções e promessas, e tal é, se nos não enganamos, a mais honrada e melhor tarefa em que os engenhos, n'este paiz e tempo, se

podem occupar. A imprensa politica é hoje uma rainha, a imprensa litteraria uma fada, a imprensa scientifica uma Minerva; mas a imprensa do genero da nossa não é menos do que boa ama e aia de uma grande creança moral, que é o povo; abaixa-se para o tomar nos braços; escolhe, do que sabe, o que elle lhe pode entender; mistura-lhe a doutrina com os brinquedos; resguarda-lhe o que é perigoso; nos passos difficeis da-lhe a mão; estuda de dia e de noite as suas necessidades para as satisfazer, as suas boas inclinações para as ajudar, os seus vicios para os cohibir; é sempre mãe, é toda e sempre do seu alumno com quem se identificou, e para si não quer melhor paga do que poder dizer um dia: «Eis aqui este povo já varão; ei-lo aqui: fomos nós (Deus e eu) quem principalmente o fizemos!»

Quando o Creator fez a luz, diz o texto que elle ficou contente com a sua obra, porque viu que era a luz uma cousa boa. Poderia estranhar-se a homens que a consciencia de ter já trabalhado e continuar a trabalhar para a criação da luz os encha de contentamento? — *A. F. de Castilho.*

LISBOA.

9.º

É DIFFICIL perder habitos inveterados e trocar os nomes de objectos, que estamos costumados a nomear com antigas e vulgares designações; e posto que o lapso dos tempos traga consigo algumas dessas mudanças, só isto acontece passada longa successão de gerações, quando já se acham apagados os vestigios das cousas, ou inteiramente transtornados. Nas ruas e praças desta capital temos exemplos de um e outro caso: muitas daquellas totalmente desappareceram com o grande terremoto e por consequencia as suas denominações; todavia muitas as conservaram por se abrirem de novo nos mesmos sitios ou terem sido reparadas. Algumas ha que popularmente se appellidam conforme o destino que lhes assignou o decreto de 15 de Novembro de 1760, esquecidos os nomes que pelo mesmo lhe foram dados e se leem nos rotulos das quinas das mesmas ruas: por exemplo, ordenou-se que na *rua nova d'elrei* se arruassem os mercadores da classe da capella e que as logeas, que sobejassem, fossem destinadas para os de louça da India, chá, e fazendas analogas; daqui vem que hoje é geralmente chamada, até em annuncios de periodicos e n'alguns actos legaes, a *rua dos capellistas*, sendo estranha a muita gente a outra denominação: determinou igualmente a lei que a *rua aurea* seria para ourives do ouro e o restante della para relojoeiros, mas o povo, traduzindo o adjectivo latino, diz sempre em portuguez corrente *rua do ouro*, do mesmo modo que chama *rua da prata* á *rua bella da rainha*, apontada para as logeas dos ourives que trabalham em prata (1), e *rua dos fanqueiros* á *rua nova da princeza*, desde a sua formação destinada para os mercadores da classe de fancaria. A *rua augusta*, a central, a das classes de laã e se-

(1) Digamos aqui de passagem que neste ramo industrial da arte de trabalhar em metaes preciosos, ouro e prata, (principalmente nesta, por ser de uso mais geral) os nossos artistas vão a par dos melhores da Europa, e desde tempo mui remoto. Temos em obra, que os da arte chamam *batida*, artefactos com que envergonham estrangeiros, e sempre as nossas manufacturas neste genero tiveram valor mui distincto nos mercados de fóra, podendo alem disso vangloriar-se Portugal que nenhuma nação possui prata melhor e mais bem trabalhada. A obra *casada* desempenha-se como nos outros paizes. Alguma vez so nos offerecerá occasião de fallar mais d'espago, e com provas manifestas, sobre esta materia.

da, conserva e mantem hoje o seu titulo cesáreo. E para não multiplicarmos exemplos, citaremos só a *rua dos gapateiros* que todos obstinadamente chamam do Arco do Bandeira, que lá está no topo em um lado do Rocio; verdade é que os mestres daquelle officio, ou não tomaram posse, ou desabelharam, quer collocando os seus estabelecimentos em outros pontos da cidade cumulativamente, quer espalhando-se por toda ella para se não empecerem, e, tambem fallemos com sinceridade, para maior commodo dos freguezes. A *rua dos corrieiros* em certo modo foi usurpada pelos albardeiros; talvez que por isso se chame hoje a *travessa da Palha*.

Emfim, desde que elrei D. Manuel fundou os magnificos paços da Ribeira, a grande área ou espaço descoberto contiguo cobrou o nome de *terreiro do Paço*: destruidos os aposentos reaes pelo terremoto, elrei D. José e o seu afamado e incansavel ministro levantaram as obras, que vemos hoje, sob um plano que ainda não está acabado. Os paços ficavam do lado donde hoje está o arsenal da marinha; na moderna construcção fundaram-se no lado do nascente a alfandega, e no torreão da extremidade deste da banda do rio a bolsa ou praça do Commercio, pelo que tal ficou sendo a appellidação deste vasto ambito, em cujo centro se levanta como testemunho de gloria e gratidão o monumento equestre delrei D. José. Mas nem por isso deixa de chamar-se *terreiro do Paço* a praça que por tantas rasões se deve intitular do Commercio, podendo mais a tradição, para assim dizermos, ainda recente, do que o testemunho dos olhos, que nos desenganam mostrando-nos os lettreiros, e o trafico mercantil quotidiano, que, tendo por vehiculo o Têjo, nesta paragem vem depositar as mercadorias ou recebe-las.

A situação da Praça do Commercio concorre para que seja com effeito uma das mais bellas da Europa: o Têjo forma o lado do sul, consentindo que no espaço caes central, que tem serventia por tres commodas rampas, atraquem as embarcações menores; defronte fundeam alteros navios; o movimento encontrado da navegação dos botes e barcos de descarga ou transporte desfructa-se completamente dos parapeitos e assentos que guardam o rio, bem como do caes, semi-circular, vasto e de transitto livre; nem a actividade commercial embaraça o curioso espectador, nem este tolhe aquella. A companhia da navegação por barcos de vapor no Têjo e Sado construiu um caes seguro de madeira na parte occidental da mesma margem; e para tudo ha amplissimo campo: a alfandega á ilharga do torreão da bolsa tem outro caes que é obra ao mesmo tempo solida e elegante, e de que por ora não tratámos, porque esta e as mais repartições publicas serão objecto d'um artigo especial.

Na superficie de toda a praça contam-se 375 palmos na largura, isto é, de nascente a poente, e 304 ditos de comprimento de Norte a Sul, ou desde a entrada da rua Augusta até o caes magnifico fronteiro da estatua. Os outros tres lados da praça são formados pelas frontarias dos edificios publicos, uniformes e regulares. Constam de uma extensissima arcada de cantaria, por baixo da qual ha passeios, tão largos como ruas, dando-se a circumstancia de entrarem desimpedidamente carruagens na parte oposta ao Têjo, comprehendida entre as ruas Aurea e Augusta, e entre esta e a da Prata ou da Princeza, onde a serventia nas embocaduras está quasi ao nivel das calçadas. Sobre estas arcadas correm em perfeito alinhamento dois andares com suas janellas dispostas em symetria, acabando n'uma balaustrada como varanda na orela do telhado.

A praça é um rectangulo de vasta superficie; e proximo aos angulos do lado da terra ou septentrional desembocam em frente ao rio as duas esplendidas ruas, Aurea ao poente e da Prata ao da Princeza ao oriente; no centro desta face patentea-se a magestosa rua Augusta com oito braças de largura e mais de duzentas e cincoenta de comprimento, igualando neste as outras duas, que são suas paralelas. Nos mesmos angulos vem entrar na praça, oppostas perfeitamente uma á outra, do lado occidental a rua que vem do largo do Pelourinho, e que é um prolongamento immenso de ruas com diversos nomes ou uma estrada que leva até as Portas d'Alcantara, espaço de meia legua, e que dahi prosegue para a comarca exterior; e do lado oriental a rua que começa com o nome de Ribeira velha e não fica inferior á antecedente na desmesurada extensão, considerando-se como outra identica estrada, formando ambas o maior comprimento da cidade. As duas grandes faces que com estas ultimas fazem quina vem rematar em dois soberbos torreões de cantaria; o do nascente, onde é a bolsa, ou praça dos negociantes, está acabado, mas sem a cupula que o deve rematar; tem entrada por baixo da arcada, uma porta para a praça e outra para o rio ornadas cada uma de duas columnas da ordem doric, que sustentam a varanda da janella principal; o seu igual, ao poente, acha-se hoje muito adiantado e quasi a concluir-se; todavia a altura com as cupulas até a grimpá deve ser, segundo o risco, de 292 palmos. Falta para complemento da praça o sumptuoso arco projectado, sobre a bóca da rua Augusta, marmoreo todo; vendo-se já assentadas seis estupendas columnas de ordem composita, inteiriças e com 40 palmos d'altura: por cima do arco assignala o risco primitivo uma torre de relógio, que é provavel nunca venha a edificar-se.

No centro de tão magestosa praça foi inaugurada a estatua de D. José 1.^o— Sobee-se por seis degraus de pedra a um plano de 72 palmos de comprimento por 62 de largura, sobre o qual assenta um sócco de 12 palmos d'alto, 33 de comprido e 37½ de largo, e nos dois lados oppostos, nascente e poente, sustenta as primorosas obras d'esculptura do insigne Machado, os dois grupos, representados e descriptos a pag. 145 e 201 do volume antecedente deste jornal. D'entre estes se eleva o pedestal, cujas faces planas são para os grupos e as convexas são para a rua Augusta e para o Téjo: tem este sustentaculo da estatua 32 palmos d'altura, com 27 de comprimento e 13 de largura. Na frente para o rio, e que realmente é a do monumento, porque a da estatua para ali está, e porque ali é o porto, entrada maritima de Lisboa, veem-se esculpidas as armas reaes e abaixo dellas uma moldura oval de 5 palmos na maior altura, da feição de medalha, onde o primeiro ministro d'elrei D. José, o celebre marquez de Pombal, reparador da cidade e suscitador do monumento, mandou collocar a sua effigie em bronze, que, pela morte do monarcha e decahimento do valido, foi arrancada em Abril de 1777 para lhe substituirem outra lamina com as armas do senado da camara da cidade de Lisboa; até que S. M. I. D. Pedro de Bragança, de saudosa memoria, mandou por decreto de 10 de Outubro de 1833, cumprido no dia 12, restabelecer no mesmo lugar, como agora se vê, o retrato do marquez, que se conservava no Arsenal do Exercito.

A estatua é equestre, de bronze, fundida de um só facto; mais alguma cousa diremos a seu respeito quando a dermos em estampa, para completar a historia deste monumento moderno, que é uma solemne prova do talento dos portuguezes no exercicio

das bellas-artes; porque o modelo, a esculptura em pedra, a fundição em bronze, a condução de tão pesada mole, a inauguração, tudo foi obra de mãos portuguezas sem o minimo auxilio de mestres ou conselheiros estranhos. Guarnece e defende o monumento, em todo o ambito, um bello gradamento de bronze assentado sobre os degraus; e sobre marcos de pedra e varões de ferro se sustentam quatro lampiões da illuminação da cidade, em distancias regulares, havendo-os tambem convenientemente collocados ao longo dos quatro lados da praça incluindo o que é formado pelo parapeito e caes, isto é, a margem do Téjo. Defronte de cada torreão ha uma meia laranja com escadas de pedra lateraes para facilitar o embarque; e dentro do occidental rebenta um olho de agua sulphurosa, propria para curativo do rheumatismo, molestias cutaneas &c.; com bom conselho a não deixaram desperdigar, tendo-se feito onde ella brota uma especie de bacia e permittindo-se que a venham buscar e a aproveitem, para uso de banhos, ou outros quaesquer, as pessoas que a precisam. A benemerita sociedade Pharmaceutica por uma commissão de seus membros mandou analysar esta agua, e publicou no 1.^o n.^o do seu Jornal o resultado do exame.

Tempo é já de chegar-mos a tratar da estampa que acompanha este artigo (2). Representa ella o formoso baixo-relevo com que é adornada a parte convexa do pedestal da estatua que fica frente á embocadura da rua Augusta: é um painel em marmore, obra primorosa do escultor dos grupos e modelador da estatua (3). O inglez, James Murphy, architecto de profissão e por isso conhecedor das bellas-artes, affirma, depois de louvar os grupos emblematicos, que o baixo-relevo é uma obra prima de concepção, de gosto e de delicadeza (4). Lastima é que ao passo que os estrangeiros admiram e elogiam o lavor deste quadro d'esculptura haja muitos nacionaes que, passeando milhares de vezes pela Praça do Commercio, não só lhe não deem prego, mas até (o que parece incrivel) ignorem que alli existe aquelle drama escripto em pedra pelo cinzel de Machado! Acontece com effeito que alguns patricios nossos se arvoram em pregoeiros dos monumentos, que viram por estranhas terras, e tem em pouco preço ou desconhecem outros, não menos valiosos, que ornamentam a nossa patria. Podemos aqui mencionar a exclamação de Linneu, escrevendo a Vandelli posto que a outro respeito; *Felices lusitani si bona sua norint!* Felizes os portuguezes se conhecessem as riquezas que possuem: e ainda mais a proposito citaremos a engraçada censura d'um poeta nosso.

Emfim que por natureza,
E constellação do clima,
Esta nação portugueza
O nada estrangeiro estima,
O muito dos seus despreza.

Simão Machado. Comed. *Alpheu*. pag. 72.

(2) Esta gravura foi copiada do desenho primitivo de Machado, que lhe fez na pedra leves alterações, pouco importantes e difficil de perceber, porque apenas se limitaram áquelle fundo que pelo meio do intercolumnio se vê ao longe mostrando edificios da cidade. E' portanto necessario saber que, na occasião em que foi inaugurada a estatua, ainda o baixo-relevo estava muito em tosco, e foi acabado depois, começando o A. este ultimo trabalho a 14 de Julho de 1794 e concluindo-o no fim de Março de 1795, como elle proprio diz em as notas ás pagg. 171 e 224 da sua *Descripção analyt.*

(3) Veja-se a respeito de Joaquim Machado de Castro o que escrevemos a pag. 145 e 201 do precedente volume.

(4) Vid. a traducção franceza da viagem deste A., impressa em Paris em 1797, in 4.^o, a pag. 169 e 170.



Fonseca Des.

Coelho Grav.

BAIXO RELEVO DO PEDESTAL DA ESTATUA EQUESTRE.

Concluiremos dando, segundo o A., a explicação da allegoria do baixo-relevo, isto é, da sua invenção poetica. — É o objecto principal a *generosidade regia*, virtude personalisada na figura de uma donzella com as vestes e insignias reaes, e na attitude de descer do solio, como para acudir a remediar a lamentavel catastrophe da capital destruida pelo terremoto: ao lado tem um leão, symbolo da mesma virtude. Outra figura feminina, a *cidade de Lisboa*, é facilmente conhecida pelo escudo de suas armas, isto é, o navio com os dois corvos á popa e á proa; vê-se cahida e em deliquio, para significar o desastre que soffrêra: o *governo da republica*, trajado como os guerreiros antigos, a está amparando com a dextra; a este trava do braço esquerdo o *amor da virtude*, representado n'um menino aligero coroad

de grinaldas de louro, que o guia perante o throno para expor os intentos e sollicitar os meios de progredir na reparação da cidade, ao que a generosidade regia benignamente defere. O *comercio* abrindo os seus cofres franquea as suas riquezas: e com effeito fez-se a Alfandega e continuaram as obras publicas mediante o donativo offerecido pela classe commercial. Posteriores a esta figura, que tem aos lados a eegonha e duas mós, que são seus symbolos, vemos mais duas figuras, representando a *architectura*, que mostra a planta da cidade, e a *providencia humana* que se distingue pela corda de espigas de trigo e pelo leme e uma chave na mão esquerda: vem ambas concorrer com sua pericia e direcção a levantar Lisboa do meio das ruinas em que jazia sepultada.

O MONGE DE CISTER.

Romance historico.

(Fragmento.)

1388 — 1389.

Dos males em que ha cura
todo beneficio val:
mas o mal que é immortal
quem lhe remedio procura
perde todo o cabedal.

D. ALV. DE NOR. Canc. de Res. f. 152.

« VAMOS, Fr. Vasco, em que scismas? Ha mais de meia hora que levás os olhos pregados na corrente do rio. Ergue-os para o céu. Olha como é formoso! — Imagem do empyreo, onde mora aquelle que só te póde dar — que só te ha dado consolação e esperança. Vamos, filho, é necessario que por uma vez acabem essas tristezas, que denotam estar ainda muito enraizada na tua alma uma paixão mundana.»

« Oh meu segundo pai, oh meu mestre, oh vós que mil vezes me tendes salvado de mim mesmo — perdoai-me! Uma idéa sestra e má me passava agora pela cabeça. Afigurava-se-me neste momento que D. Leonor estava juncto de mim: — eu via-a aqui mesmo ao meu lado: via-lhe o sorrir suave; ouvia-lhe o respirar sereno: sentia o brando cheiro dos perfumes dos seus cabellos dourados: oh! e sabeis qual era a minha idéa? Era apertá-la ainda entre estes braços de que fugiu como uma vaã sombra, e então — atirar-me com ella a esse rio, que vai rapido como o envelhecer desta alma; fundo, como a amargura do meu coração! «Depois» proseguiu elle com voz atada. — «Depois... que viesse o inferno.»

« Jesus, Vasco! — Estás doudo? Blasphemias? — Assassinares uma fraca mulher, assassinares-te a ti proprio, e renegares da vida eterna?»

« Uma fraca mulher, dizeis vós, reverendo nonno? — Uma fraca mulher?!... Fraqueza de vibora que vos toma atraçoadamente quando dormis, e vos morde, e vos envenena sem remedio a essencia da vida. — Essa fraca mulher teve força para me esmagar, e calcar aos pés este pobre coração, que era bom, que nascêra para amar tudo o que o rodeava! — Homem de Deus, vós não sabeis o que é vêr cerrar diante de nós o mundo no primeiro quartel da vida, quando a imaginação povôa esse mundo de gozos, de glória, de felicidade! — Vós não sabeis que mysterio infernal se passa cá dentro, quando a uma tirada de mulher, que suppunhamos um anjo, e que era um demonio, a vemos tomar nas mãos o nosso futuro e esmigalha-lo em terra! — Assassinar uma fraca mulher?! — E ella não me assassinou a mim? Que sou eu debaixo deste habito de estamenha? — Um morto, que falla, e anda, e chora, mas já não vive; porque o viver nada disso é. — Padre, padre! Deus me livre de mim mesmo! Mas vós chorais? Oh, não! não! — O pobre Vasco está louco! Dissestes bem. — Esquecei-vos de seus desvarios. Prometto á Virgem jejuar tres dias a pão e agua, cuberto de cilicios logo que chegemos ao nosso mosteiro, para que Deus me perdôe as blasphemias que tenho dito. Vós tambem me perdoareis! Não é assim, bom Fr. Lourenço?»

« Sim, sim, meu irmão, perdôo-te o escandalo que me déste. Tambem eu cubrirei a minha cabeça de vaso; cingirei os meus rins de cilicio, e ajudarte-hei a implorar a misericordia do Senhor, para que te allumie, e affaste do teu espirito as tentações de Satanaz.»

« Oh como sois bom, meu nonno! — disse entre soluços o outro interlocutor, lançando-se a seus pés, e beijando-lhe a fimbria do grosseiro habito.

Depois ergueu-se, e assentou-se-lhe ao lado, aper-

tando-lhe uma das mãos entre as suas, e derramando sobre ellas lagrimas como punhos, que cahiam a espaços, ardentes qual fogo — porque do íntimo vinham ellas.

Mas quem eram estes dois homens? — Onde estavam? — D'onde vinham? — Para onde iam? — Em que tempo era isto? — Natural é que o leitor faça taes perguntas, ás quaes temos obrigação de responder.

As duas personagens, entre as quaes se travára o dialogo com que começámos esta mui veridica historia, eram dois monges de Cister, ou de S. Bernardo. O mais moço, de cuja boca sahiam as expressões de desespero que acima ficam transcriptas, era manco de vinte e dois a vinte e cinco annos, bem proporcionado e robusto, tez morena, e cabello negro, basto e crespo, feições talvez não formosas, mas, sem dúbida, attractivas. Os seus olhos eram portuguezes; isto é, reflexo perenne dos intimos pensamentos; tempestuosos com as procellas do coração, serenos com a calma delle. No rosto do manco estava escripto o nome da sua terra natal: — era um filho das Hespanhas: a côr, o gesto, o olhar, tudo dizia que ahi dentro havia o espirito de um godo, e ao mesmo tempo que nessas veias corria o sangue de um arabe.

O outro monge era homem de idade robusta. Tinha os cabellos espessos e grisalhos; testa espaçosa, nariz aquilino, os olhos fundos, vivos e pequenos. Jejuns e meditações lhe haviam emmarelecido e encovado as faces. O todo do seu aspecto era severo e triste, mas quem lh'o observasse attento, lá enxergaria por baixo dessa superficial tristeza a alegria que gera uma boa consciencia. Quando o velho erguia os olhos ao céu crer-se-lia, que, a travez da abobada azul, divisava a patria do repouso, que elle ia conquistando com vigílias, e soffrimento sob o péso da cruz. Tumulto ou quietação, angustias ou gosos da vida eram para elle o mesmo que para o peregrino o fumosinho da aldêa do valle, onde apenas dormiu uma noite, visto da cumiada da serra, que lh'o vai esconder para sempre: eram uma lembrança — uma saudade duvidosa de juventude; porque o mundo ia lá muito longe delle, meneando-se senhoril e orgulhoso em suas miserias, ou grandezas. Das paixões, que elle ou alimenta ou gera, só uma restava a Fr. Lourenço; era a paixão que ensina o evangelho: — o amor pelo genero humano.

Fr. Lourenço, chamado o *bachelarel*, por ter estudado leis na universidade de Lisboa, entrára na ordem de Cister já homem feito, e ahi fôra recebido com os braços abertos, não só pela reputação de *sabedor* e *letrado* de que gosava, mas tambem por ser pessoa de virtude e bondade. O abade de Alcobça, D. João Dornellas, o nomeára procurador daquelle celebre mosteiro, que já gosava de certa supremacia sobre os outros da mesma ordem, apesar de na sua origem todos serem independentes uns dos outros.

Os negocios da ordem obrigavam, por tanto, Fr. Lourenço a residir na côrte; e como então os cistercienses occupavam o collegio ou estudaria de S. Paulo e St.º Eloi [depois convento dos bons homens de Villar] que fôra fundado pelo bispo D. Domingos Jardo, em tempo de D. Diniz, e por isso fossem obrigados a ter ahi lentes ou *lectores* de diversas materias, Fr. Lourenço nelle ensinava, quando se via desapressado de negocios, ora o direito justiniano, que então era muito da moda [como *verbi gratia* hoje a economia politica] ou lia aos escolares, que muitos ahi andavam, a santa theologia, no que tambem o bom do bernardo era poço sem fundo.

Chamámos bom a Fr. Lourenço, e com razão lhe demos tal nome. Apesar das embrulhadas e demandas em que frequentes vezes o despótico, violento, cubigoso e ao mesmo tempo perdulario D. João Dornellas; apesar dos trabalhos escolasticos, que não pouco lhe quebravam a cabeça, Fr. Lourenço bacharel ainda sabia achar tempo para gastar em obras de caridade. Onde havia um desgraçado que soccorrer ou consolar, lá estava o nosso cisterciense: rico de sua casa, e abastado de *sollayros*, ou ordenados que recebia como *ledor* da estudaria — e não eram máus os que deixára D. Domingos Jardo *pera sustentação dos proves escolasticos* — todos os seus haveres gastava com os necessitados, e nenhum se afastava delle com as mãos vãsias: *ajuxta illud* [dizia Fr. Lourenço], que lemos na escriptura, *demerge ta orelha ou prove, sem nem uma acídia, e da-lhe sa divida*. O povo o tinha em conta de santo; a côrte o respeitava; mas até, quando o seu cargo de procurador o obrigava a fulminar perante os juizes os inimigos da sua ordem, sabia-o fazer com tal modestia, que o tom das suas palavras ainda lhe dava maior realce á eloquencia do que a força da sua dialectica vigorosa. Em fim era, como todos diziam então delle, na linguagem garraffal daquelle tempo, *barom triguosamente enderençante sa carreira per mui virtuosas virtudes a perduravil einxalçamento em vida eternal*.

No momento em que esta historia começa dava elle uma prova mais do seu ardente amor do proximo. Nesse dia pela manhañ recebeu um recado em que se lhe pedia fosse ouvir de confissão uma pobre mulher quasi moribunda, que vivia na aldêa de Restello, uma legua de Lisboa para a banda do mar, á beira do Téjo. Como era dia de S. Philippe e S. Thiago, e não havia escola, Fr. Lourenço não hesitou um momento: disse missa: chamou o escholar seu predilecto Fr. Vasco; partiu com elle do collegio; veio pela rua-nova abaixo, e passada a fonte dos cavallos d'arame, sahiu pela porta da Oura, chegou á praia, afretou uma barca, e ei-lo correndo ao longo da margem, caminho da aldêa de Restello.

Era dentro dessa barca que se travára o mysterioso dialogo que acima fica transcripto, sem mudar uma palavra, pospor ou antepor uma virgula.

Agora cumpre voltar um pouco atraz para sabermos quem era o companheiro do mestre de theologia.

Haveria seis mezes, depois que Fr. Lourenço residia na estudaria de S. Paulo, quando certo dia, um cavalleiro moço e gentil-homem chegou soshiuho á porta da crasta, e perguntou por Fr. Lourenço. — Levado por ordem do reverendo á sua estreita cella, demorou-se a sós com elle por horas largas: o que ahí se passou ninguem soube; mas notou o porteiro que, quando o mancebo sahiu, o velho veio acompanhá-lo, e que tanto o desconhecido como Fr. Lourenço tinham as faces banhadas em lagrimas. Abraçaram-se á despedida, e apenas o frade disse ao cavalleiro quando partia: «Filho, constancia em teu santo proposito!» — Depois ninguem mais tornou a ver o mancebo; mas todos pensaram que era algum desgraçado peccador, que não podendo supportar o péso de suas culpas viera depositar no seio do virtuoso monge a confissão de passados erros, e aquieitar remordimentos da consciencia pedindo perdão ao céu.

Passou mais um anno: certo dia pela volta da tarde, o converso Fr. Julião, que desempenhava havia bem um quarto de seculo as funções de porteiro da estudaria, veio correndo á cella do mestre de theologia, e disse da parte de sóra:

«*Benedicite, pater doctor!*»

«*Entrae, Fr. Julião.*»

O converso, ou *barbato*, como então chamavam aos leigos, ergueu a aldrava; e com as mãos cruzadas sobre o peito, esperou que o padre mestre o mandasse fallar.

«*Que me quereis, irmão?*»

«*Esta carta do domno de Alcobaga*»; dizendo estas palavras, o converso punha nas mãos do monge um pergaminho fechado, e sellado com o sello do abbade de Alcobaga — a quem por seu cargo competia segundo a regra de S. Bento, seguida pelos cistercienses, o titulo de *dominus*, ou no romance daquelle tempo *domno*.

«*Quem traz esta carta?*»

«*Um monge do habito do nosso padre S. Bernardo. — E voto a Christo, que me parece o mesmo mancebo que vos aqui procurou ha um anno...*»

«*Basta! não jureis em vão o santo nome de Deus. Ide, e guiae para esta cella o recemchegado.*»

Quando este entrou no aposento de Fr. Lourenço logo elle viu que o converso se não enganára. O bom do monge correu a abraçá-lo!

«*Parabens, parabens!*» exclamou Fr. Lourenço cheio de jubilo. «*Este santo habito que trazeis, senhor cavalleiro... não digo bem... irmão Fr. Vasco, me diz que Deus vos fez triumphar dos tres grandes inimigos da humanal geração, mundo, diabo, e carne. Soccorrestes-vos ao Senhor no dia da vossa afflicção, e o Senhor vos abriu o porto bonançoso onde podeis rir-vos das procellas da vida. Sois monge de Cistel, e agora...*»

«*Sou monge de Cistel!*» repetiu o moço frade escondendo a cabeça no seio de Fr. Lourenço, que breve sentiu suas lagrimas ardentes traspasarem-lhe a grosseira estamenha do escapulario e da tunica, e humedecerem-lhe o peito. O accento com que o mancebo pronunciou aquellas palavras fazia que ellas significassem exactamente o contrario do que soavam. De monge havia nelle, é verdade, é cogúla; mas o coração!! — no coração de Fr. Vasco estavam ainda todas as paixões do seculo, tumultuosas, fêrvidas, incisivas, como quando em vez daquelle téla grosseira, cubria os membros robustos com o arnez de cavalleiro. Se ahí havia alguma differença era que essas paixões violentissimas, comprimidas por um anno de noviciado, por um anno de abjecção, de silencio, de contradicções, de sujeição, em fim, a todos os actos exteriores de humildade, de dogura, e de resignação, se tinham tornado mais asperas, e azedado mais aquella alma lacerada por dôres fundas e talvez eternas. Fr. Lourenço, a quem elle buscára havia um anno, em dia no qual a desesperação passára a méta do soffrimento, lhe aconselhára o claustro, como remedio unico ao mal que o roía. O pobre frade, pouco entendido nas tempestades do mundo, cria que havia outro ádito cerrado ao tumultuar das paixões que não fosse a lousa da sepultura: cria que esse ádito milagroso era a portaria de um convento! Se quereis saber se elle errava ou acertava, perguntae-o a qualquer desses que lá viveram, se ainda algum ha a quem a fome deixe contar historias dos tempos que já lá vão.

«*Mas, filho,*» dizia Fr. Lourenço, levantando brandamente a cabeça de Fr. Vasco, e encostando-a outra vez sobre o hombro, de modo que o halito ardente do mancebo quasi que lhe crestava a face — cria eu que a misericordia divina e a virtude do nosso santo habito vos houvera arredado do espirito essas negras imaginacões. Mas emfim, com o tempo; com o tempo! Fiae-vos de mim: de mim em quem achareis um irmão: mais que um irmão, um amigo!»

« Oh sim! Foi por isso: foi para vos ouvir, para dar alguns instantes de frescor a este espirito requeimado, que apenas fiz meus votos, pedi ao domno de Alcobaga, me mandasse para Lisboa estudar. — Estudiar! Que posso eu aprender? ou que me importa? É fallar com o homem, que me comprehende, que eu quero. É pedir-vos palavras de consolação e de esperança que me apagueis esta chamma que me consome a alma; que me deis triaga contra a peçonha que me lavra no coração. Homem de Deus, o mundo vos chama um santo! — paz e esquecimento! paz e esquecimento! . . . »

— Mais se confirmou Fr. Lourenço por este desalinhado discurso, que a virtude mirifica do santo habito nada aproveitára em Fr. Vasco; mas, por um movimento de orgulho involuntario, lembrou-se de que com desesperados como este a força da sua eloquencia tinha supprido a pouca efficacia da graça divina. Fez então assentar o moço, e obrigou-o a tomar alguma refeição em quanto descansava; depois do que, lhe disse, pondo-lhe a mão no hombro:

« Vamos, irmão Vasco, conta-me outra vez a vossa historia. Choraremos ambos! — as lagrimas da piedade consolam, quando é um amigo que as derrama. Se bem me lembra dissestes-me ha um anno . . . »

O frade pensou avisadamente que fallando repetidas vezes a Fr. Vasco nos dolorosos successos da sua vida lhe chegaria a embotar na memoria o sentimento delles. E em verdade assim é feito o coração humano. Nunca vereis viuva que falle muitas vezes no marido defuncto, e muito chore a sua falta, que não case cedo. É porque a dor, como a materia bruta, gasta-se com o uso. São mysterios methaphysico-physiologico-moraes desta especie de animal chamado homem, a que eu, e tu leitor, temos a honra de pertencer.

« Disse-vos », proseguio o mancebo, tomando a mão immediatamente; « disse-vos que filho de um cavalleiro nobre e honrado segui as armas mui moço. Ha tres annos bem perto da morada de meu velho pai, em Aljubarrota, pelejava eu na ala dos namorados, por livrá-lo a elle e a terra da minha patria do estranho dominio: pelejava na ala de Mem Rodrigues, porque amava a nobre donzella Leonor — e vós sabeis que Mem Rodrigues só dava entrada naquella ala aos que tinham uma dama dos seus pensamentos. Vencemos essa memoravel peleja; segui, depois, a bandeira do condestavel. Passados alguns mezes de recontros e pelejas voltei á terra onde nasci. Pulava-me o coração ao ver ao longo o campanario da nossa abbadia. Ia ainda ver o meu pobre pai rezar um *pater* junto á lousa de minha mãe, abraçar Beatriz minha irmaã, tão linda! tão meiga! e que eu amava quasi como Leonor. Oh! e tambem ia vê-la a ella, que por certo nem um só dia deixára de se lembrar de mim; ia contar-lhe, não os feitos d'armas, mas as saudades do seu cavalleiro! — Ribeiros, fazia-os galgar de um pulo ao meu ginete; veigas, fazia-lhas desaparecer debaixo dos pés; outeiros, obrigava-o a transpô-los como se fossem plainos. O ultimo tinha-o descido, quando o sol, involto na sua vermelhidão da tarde, entestava com a terra lá no horizonte: — sente-se, mas não se diz o que eu então sentia. Cheguei: á entrada da povoação era a abbadia: a igreja estava fechada, e o sacristão á porta com as chaves na mão: já não era o do meu tempo: fez-me isso tristeza: perguntei sem saber porque: « o abbade véla, ou jaz? » « Em trintairo çarrado hi dentro é com outros clerigos. » « Por quem é o trintairo? » proseguio eu inquieto. « Por um bom fidalgo do nosso concelho — que morreu segun-

do dizem de pena porque uma filha que tinha, e muito amava, fugiu com um cavalleiro, a quem passando por aqui elle dera gasalhado por alguns dias. Nunca mais comeu nem bebeu, e como era velho finou-se. » — « Fazendo assim, fóra moço e se finára: » disse eu sorrindo descuidado, em quanto procurava na memoria quem seria o fidalgo: nenhum que eu soubesse nos arredores tinha filha donzella, senão meu pai e o de Leonor; mas que fosse algum delles claro estava que era impossivel: ia a apertar ainda uma vez os acicates ao ginete, para chegar antes da noite á ponte levadiça dos meus paços acastellados; por demais perguntei ao sacristão o nome do morto que jazia em trintairo. . . . Era o de meu pai! . . . Uma faxa de lume me centelhou diante dos olhos: de um pulo eu estava pegado com a porta da igreja: as escamas das minhas manoplas bateram nella como um vaivem, e com um som que se prolongou pelas naves, eu a vi aberta, e lá no meio uma tumba cercada de brandões accesos, e ao redor padres que rezavam latin. Logo me achei ao pé delles: abri a tumba: era meu velho pai. . . . era elle. . . . com os olhos fechados, não me viu. . . . com os labios cerrados, não me sorriu. . . . com as mãos cruzadas sobre o peito, não me abengouou! Arrojei-me sobre elle, beijei-o; era como uma pedra gelada! Um dos que ahí estavam disse não sei o que, chegou-se a mim, quiz-me arrancar dali, estendi com furia o braço: a minha manopla tornou a encontrar o quer que foi: ouvi um grito rouco, e como um corpo de homem que cahia desamparado sobre as lagens do pavimento. Não percebi mais nada; porque nesse momento perdi os sentidos. »

Aqui Fr. Vasco fez uma larga pausa; correndo a mão pela testa, como quem affastava uma idéa dolorosa: tinha os labios brancos, e nos olhos bailavam-lhe duas lagrimas. Pelas faces de Fr. Lourenço já outras duas tinham escorregado. — *A. Herculano*.

(Continuar-se-ha).

Com este n.º se distribue uma folha avulsa, no mesmo formato do Panorama, incluindo um quadro mui curioso, que dará idéa do curso de direito na Universidade de Coimbra durante o anno lectivo de 1839 a 1840. E da maior exactidão, porque nos foi remetido por pessoa perfeitamente conhecedora da materia. Acrescentaremos aqui, por nos parecer tambem curioso, o resumo do mappa dos estudantes, que nos primeiros vinte annos do presente seculo se matricularam na mesma Universidade, devendo advertir-se que o numero dos estudantes é um tanto inferior ao das matriculas, porque alguns frequentam ao mesmo tempo duas faculdades, havendo, por exemplo, nos cursos de mathematica e philosophia, cadeiras communs a ambos.

De 1800 até 1820 matricularam-se:

Na faculdade de Theologia	630	estudantes.
— " — de Canones.	5185	"
— " — de Leis.	6790	"
— " — de Medecina.	1726	"
— " — de Mathematica.	2560	"
— " — de Philosophia	2237	"

Total. 19:128

Não contámos os que frequentaram os estudos preparatorios no Collegio das Artes.

PANORAMA N.º 192.

Mapa Estatístico do número e aproveitamento dos alumnos da
 faculdade de Direito da Universidade de Coimbra no anno
 lectivo de 1839 – 1840.

1.ª MATRICULA D'HABILITAÇÃO PARA FREQUENCIA DAS AULAS.								2.ª MATRICULA D'HABILITAÇÃO PARA OS ACTOS.				
Naturalidades		1.º anno	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	Total	Annos	N.º dos matriculados	N.º dos que perdêrão o anno	N.º dos que por faltas de frequencia perdêrão o sculogar
Districtos de	Vianna	2	8	5	2	2	„	19				
	Braga	9	5	5	7	6	„	32				
	Porto	19	22	19	10	12	1	83				
	Villa Real	2	4	6	3	1	„	16				
	Bragança	3	2	3	5	5	„	18				
	Aveiro	5	5	7	17	9	„	43				
	Coimbra	8	13	15	19	13	3	76				
	Viseu	14	9	2	6	5	„	36				
	Guarda	5	5	1	6	4	„	21				
	Castello Branco	„	„	5	4	5	„	14	1.º	87	2	3
	Leiria	2	2	2	2	1	„	9	2.º	83	9	10
	Lisboa	8	5	3	7	2	„	25	3.º	79	7	14
	Santarém	„	„	1	5	4	„	10	4.º	101	„	„
	Portalegre	„	1	4	„	„	1	6	5.º	73	„	1
	Evora	3	„	„	„	1	„	4	6.º	5	„	„
	Béja	1	2	„	1	„	„	4	Total	428	18	28
	Faro	„	„	„	1	„	„	1				
	Açores	3	4	1	2	„	„	10				
	Ilha da Madeira	1	„	2	1	„	„	4				
	Angola	„	„	1	„	„	„	1				
	Imperio do Brasil	4	„	1	3	1	„	9				
Total		89	92	83	101	71	5	441				

INFORMAÇÕES DO 5.º E 6.º ANNO		ACTOS					PREMIOS								
Litterarias	De costumes	Annos	Doutoramentos	Approvações completas	Ditas simpliciter	Reprovações	Total	Annos	Premios	Accessit	Distribuição de premios e informações distinctas por Provincias				
											PROVINCIAS	Premios	Honras	Informações	Total
Distinctas 13	Limpas 46														
De bom por todos 31															
Maculadas 25 32														
Nenhumas 10 1														
Total 79 79														
OBSERVAÇÕES. Acresceo ao n.º dos 78 bachareis, e doutorandos um alumno agraciado com dispensa de frequencia do 5.º anno.		1.º	„	87	„	„	87	1.º	2	1	Minho	5	3	5	13
		2.º	„	80	„	„	83	2.º	2	4	Tras-os-Montes	1	„	1	3
		3.º	„	73	6	„	79	3.º	2	4	Beira	2	10	5	35
		4.º	„	100	1	„	101	4.º	2	4	Extremadura	„	2	1	3
		5.º	„	74	„	„	74	5.º	2	4	Alemtejo	2	1	1	4
		6.º	5	5	„	„	5				Algarve	„	„	„	„
											Madeira	„	1	„	„
Total			5	419	10	„	429	Tot.	10	17	Total	10	17	13	„

Disciplinas do Curso Juridico, Compendios por que foram lidas, e Professores no anno lectivo de 1839 - 1840.

- 1.º anno. — Historia de direito em geral, e em especial Romano, Canonico, e Portuguez.
Compendios — Martini, Ordo historiae Juris Civilis; e Paschalis, Hist. juris civ. Lusitani.
Professor — O Doutor Joaquim dos Reis.
— Direito natural e das Gentes.
Comp. — Burlamaqui, Elements du droit naturel, e Sr. Ferrer, Elementos de direito das Gentes.
Prof. — No impedimento do proprietario, e do substituto, foram lidas estas disciplinas, pelos Doutores A. Nunes de Carvalho, Vicente J. de Seiga, e J. de S. M. Mexia.
- 2.º anno — Direito publico e secção de legislação.
Comp. — Macarel, Elements de droit politique.
Prof. — Pelo mesmo motivo regeo esta cadeira extraordinariamente o Doutor A. da C. P. Bandeira de Neiva.
— Direito Ecclesiastico.
Comp. — Gmeiner Institutiones Jur. Eccles.
Prof. — Por impedimento do proprietario o Substituto Doutor F. F. de Carvalho.
— Direito Romano.
Comp. — Waldeck, Inst. Jur. Civilis Heinecciana.
Prof. — O Doutor Frederico d'Azevedo F. e N.
- 3.º anno — Direito publico Portuguez, administrativo, e dos tratados de Portugal.
Comp. — A Constituição, e o Cod. administrativo.
Prof. — O Doutor Basilio Alberto de S. P.
— Direito Civil Portuguez.
Comp. — Paschalis, Inst. Jur. Civ. Lusitani.
Prof. — O Doutor M. A. Coelho da Rocha.

- Economia Politica.
Comp. — Forjaz, Elementos d'Economia politica.
Prof. — No impedimento do proprietario o Doutor A. P. Forjaz de Sampaio.
- 4.º anno — Continuação de Direito Civil Portuguez.
Prof. — O Doutor Pedro Paulo da Cunha, e pela sua ausencia o Doutor Justino A. de Freitas.
— Direito Criminal Portuguez.
Comp. — Paschalis, Inst. Jur. Crim. Lusit.
Prof. — O Doutor A. Ribeiro de Liz Teixeira.
— Direito Commercial Portuguez,
Comp. — O Codigo de Commercio.
Prof. — O Doutor V. J. de Seiga no impedimento do proprietario.
- 5.º anno — Jurisprudencia formularia, e pratica do processo.
Prof. — No impedimento do proprietario e substituto o Doutor J. M. Ruas.
— Hermeneutica Juridica.
Prof. — O Doutor M. de Serpa Machado.
NB. Os Estudantes deste anno são obrigados a assistir ás preleções de Medicina legal na faculdade de Medicina.
- 6.º anno —
Este anno é frequentado unicamente por aquelles que pertencem o grão de Doutor; e as suas disciplinas consistem em leituras de Direito Romano, segundo a ordem das Pandectas, feitas pelos mesmos estudantes, por seu turno, uns aos outros, e áquelles do 5.º anno, que se destinam a vir frequentar no seguinte o mesmo 6.º anno.

A. P.

Disciplina	Professores	Compendios
1.º anno	Historia de direito em geral, e em especial Romano, Canonico, e Portuguez.	Martini, Ordo historiae Juris Civilis; e Paschalis, Hist. juris civ. Lusitani.
2.º anno	Direito publico e secção de legislação.	Macarel, Elements de droit politique.
3.º anno	Direito publico Portuguez, administrativo, e dos tratados de Portugal.	A Constituição, e o Cod. administrativo.
4.º anno	Continuação de Direito Civil Portuguez.	Forjaz, Elementos d'Economia politica.
5.º anno	Jurisprudencia formularia, e pratica do processo.	Paschalis, Inst. Jur. Crim. Lusit.
6.º anno	Este anno é frequentado unicamente por aquelles que pertencem o grão de Doutor; e as suas disciplinas consistem em leituras de Direito Romano, segundo a ordem das Pandectas, feitas pelos mesmos estudantes, por seu turno, uns aos outros, e áquelles do 5.º anno, que se destinam a vir frequentar no seguinte o mesmo 6.º anno.	